

Inflação em baixa abre caminho para a retomada do crescimento

ROBERTO MACEDO

O que vai acontecer na economia em 1995 depende, obviamente, do que se passa agora. Se o esforço de estabilização for bem-sucedido — e ele ainda está sujeito a muitos tropeços —, estará aberto o caminho para um novo surto de crescimento. A retomada, contudo, não será automática. A infecção inflacionária poderá ser contida e a febre passar. Mas o doente, sem tratamentos subsequentes, poderá permanecer fraco e incapaz de movimentar-se com destreza e rapidez.



Assim, além de uma razoável estabilidade de preços, será necessário que o governo amplie seus investimentos e crie um clima favorável ao investimento privado, nacional e estrangeiro. Isto exige, entre outras coisas, regras claras e estáveis para o mundo dos negócios, pois ninguém joga dinheiro em buraco negro.

MAIS POUPANÇA

No momento, o governo está obcecado com a estabilização e isto poderá prejudicar a retomada do crescimento. Porque não se consegue cortar outras despesas, os investimentos públicos estão sendo sacrificados. Para crescer, será preciso estimular investimentos e atrair ou induzir a poupança que irá financiá-los. É preciso associar casa própria com caderneta de poupança, máquinas com financiamentos de longo prazo, automóveis com consórcio ou outro mecanismo de financiamento. A estabilidade de preços é importante, entre outras razões porque estimula tanto as poupanças como os financiamentos de longo prazo.

Tal como na década passada, onde escaparam da mediocridade geral, os setores mais capazes de puxar o crescimento são aqueles em que o País tem mais vantagens comparativas, isto é, tecnologia intermediária, recursos naturais e mão-de-obra adequada e relativamente barata: agroindústria, mineração, papel e celu-

lose e alimentos, entre outros. A produção de metais, da indústria automobilística e de outros bens duráveis também tem condições de voltar a crescer. Aliado a isso, o tamanho do mercado também permite ainda avançar na chamada substituição de importações, como é o caso da indústria química. O diabo é que a "inteligência" nacional só se interessa pelo "hi-tech", mas não avança nesta e acaba atrapalhando o resto, onde ela entra como insumo. Vale o ditado: muito ajuda quem não atrapalha.

Do lado dos consumidores e poupadores, temos ainda muita demanda reprimida, de alimentação, vestuário, habitações, automóveis, aparelhos eletrodomésticos e por aí afora. Isso estimula as pessoas a consumir, poupar e produzir e é um dos fatores que poderiam levar a taxas de crescimento mais altas que as dos países mais desenvolvidos. Há condições de retornarmos ou pelo menos de chegarmos perto da nossa antiga taxa histórica de 7% ao ano, para o crescimento do PIB.

O cenário mais provável para 1995 é, em síntese, o de uma recuperação. O que for feito agora vai definir em que estágio estaremos nessa época. Sem mais tropeços, estaremos já fora de um buraco que pode prolongar-se ainda por 1991 e 1992, pois é preciso consolidar o que está sendo feito. Se tropeçarmos ainda mais, em 1995 poderemos só então estar saindo do buraco.

O pior cenário seria ficar no fundo dele até lá, quando então ninguém falará mais de efeito Orloff ou de qualquer outra vodka. Será um porre tremendo, de cachaça malfeita. Acho este cenário menos provável, tanto por não conseguir separar o pensamento do desejo, mas também porque percebo que, bem ou mal, estamos aprendendo. Sem os erros do Plano Cruzado, Bresser e Verão, o Plano Collor seria outro. Se este falhar, virá mais um, aprimorado, até que, embora usando a cabeça só para cabeçadas, vamos acabar aprendendo.

□ Roberto Macedo é professor da USP e presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo.